

BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

MAX WEBER

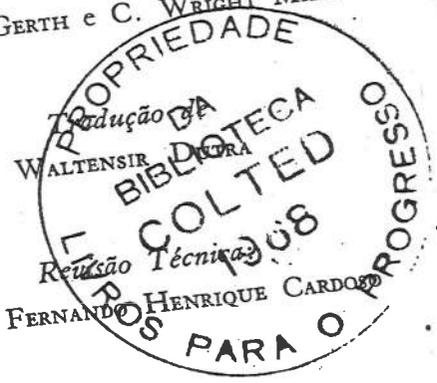
2.0

ENSAIOS DE SOCIOLOGIA

43874

Organização e Introdução de
H. H. GERTH e C. WRIGHT MILLS

- 9
- 15
- 47
- 62
- 64
- 58
- 73
- 0
- 1
- 1



Prof. FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

43874

201-282



DEDALUS - Acervo - FEA

ZAHAR EDITORES
RIO DE JANEIRO

improvável que a Alemanha corra êsse perigo *ocasional* — pois é ocasional em contraste com aquilo que, na Alemanha Imperial, influenciou a política exterior como um perigo *crônico*. Não a mão-de-obra prêsa às oficinas, mas os ociosos e os intelectuais de café em Roma e Paris fabricaram a política guerreira das ruas — incidentalmente, apenas a serviço do Governo e *sômente* nas proporções em que o Governo a desejou ou permitiu.

Na França e Itália, faltava equilíbrio ao proletariado industrial. Quando êle age com solidariedade, constitui, sem dúvida, um poder imenso, dominando a rua. Em comparação, porém, com os elementos totalmente irresponsáveis, é uma força capaz de, pelo menos, ordem e liderança ordenada, através de seus funcionários e, portanto, através de políticos que pensam racionalmente. Do ponto de vista de nossa política estatal, o importante é aumentar o poder dêsses líderes, na Alemanha dos líderes sindicais, sôbre as paixões do momento. Além disso, é necessário aumentar a importância dos líderes responsáveis, a importância da liderança política em si. Um dos argumentos mais fortes em favor da criação de uma orientação ordenada e responsável da política pela liderança parlamentar é que com isso a eficiência dos motivos puramente emocionais, “do alto” e “de baixo”, é enfraquecida na medida do possível. O “domínio da rua” nada tem a ver com o sufrágio igual; Roma e Paris foram dominadas pela rua mesmo quando na Itália a mais plutocrática influência do mundo, e em Paris, Napoleão III, governavam com um parlamento de fachada. *Sômente* a orientação ordenada das massas, pelos políticos responsáveis, pode romper com o domínio irregular da rua e a liderança dos demagogos do momento.

XVI. Índia: O Brâmane e as Castas

A POSIÇÃO DO BRÂMANE, no hinduísmo clássico bem como hoje, só pode ser compreendida em relação à *casta*, sem cujo entendimento é impossível compreender o hinduísmo. Talvez a lacuna mais importante no Veda antigo seja a sua falta de qualquer referência à casta. O Veda só se refere aos quatro últimos nomes de castas em apenas um lugar, que é considerado como um trecho bastante recente; em parte alguma êle se refere ao conteúdo substantivo da ordem de castas, no sentido que esta adotou e que é característica apenas do hinduísmo.¹

A casta, isto é, os direitos e deveres rituais que ela dá e impõe, e a posição dos brâmanes, é a instituição fundamental do hinduísmo. Antes de qualquer outra coisa, sem casta não há hindu. Mas a posição do hindu em relação à autoridade do brâmane pode variar extraordinariamente, desde a submissão incondicional até o desafio de sua autoridade. Algumas castas contestam a autoridade do brâmane, mas praticamente isto significa meramente que o brâmane é desdenhosamente rejeitado como sacerdote, que seu juízo nas questões controversas de ritual não é reconhecido como autorizado, e que seu conselho jamais é buscado. À primeira vista isto parece contrariar o fato de que as “castas” e os “brâmanes” pertencem ambos ao hinduísmo. Mas na realidade, se a casta é absolutamente essencial para todo hindu, o inverso, pelo menos hoje em dia, não é válido, isto é, nem toda casta é uma casta hindu. Há também castas entre os maometanos da Índia, copiadas dos hindus. E as castas existem também entre os budistas. Até mesmo os

Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie, vol. II, pp. 32-48, 109-113. O estudo do qual esta seleção foi extraída foi publicado originalmente em *Archiv*, abril e dezembro de 1916 e maio de 1917.

cristãos indianos não foram capazes de evitar, por motivos práticos, o reconhecimento das castas. Essas castas não-hindus receberam da ênfase tremenda que a doutrina de salvação especificamente hinduísta dava à casta, como iremos ver mais adiante, e lhes faltou ainda uma característica, ou seja a determinação da posição social das castas pelas distâncias sociais em relação às outras castas hinduístas, e com isso, em última análise, do brâmane. Esse aspecto é decisivo para a ligação entre as castas hindus e o brâmane; por mais intensamente que uma casta hindu possa rejeitá-lo como sacerdote, como autoridade doutrinária e ritual, e mesmo sob qualquer outro aspecto, a situação objetiva continua sendo inegável: em última análise, a posição social é determinada pela natureza de sua relação positiva ou negativa com o brâmane.

A "casta" é, e continua sendo essencialmente, uma posição social, e a situação central dos brâmanes no hinduísmo baseia-se mais no fato de que a posição social é determinada com referência a eles do que em qualquer outro aspecto. Para compreender isso, examinaremos a condição presente das castas hindus, tal como é descrito nos Relatórios do Censo, científicos e em parte excelentes. Examinaremos também, rapidamente, as teorias clássicas de casta encerradas nos velhos livros de Direito e outras fontes.

Hoje, a ordem de casta hinduísta está profundamente abalada. Especialmente no distrito de Calcutá, principal portão da velha Europa, muitas normas perderam praticamente a sua força. As ferrovias, os bares, as mudanças na estratificação ocupacional, a concentração da força de trabalho através da indústria importada, colégios etc., contribuíram para isso. Os "freqüentadores de Londres", isto é, os que estudavam na Europa e mantinham livremente o intercâmbio com europeus, costumavam tornar-se párias até a última geração; tal situação, porém, desaparece cada vez mais. E foi impossível adotar carros para as diferentes castas nos trens de ferro, ao modo do que se faz nos trens americanos ou nas salas de espera das estações, que segregam "brancos" e "negros" nos Estados do Sul. Todas as relações de casta foram abaladas, e a camada de intelectuais formada pelos ingleses são, ali, como em toda parte, os veículos de um nacionalismo específico. Fortalecerão muito esse lento e irresistível processo. No momento, porém, a estrutura de castas mantém-se bastante firme.

Temos, primeiro, de indagar: com que conceitos definiremos uma "casta"? * Perguntamos de forma negativa: o que não é uma casta? Ou que traços de outras associações, real ou aparentemente relacionadas com a casta, faltam numa casta? Qual, por exemplo, a diferença entre casta e tribo?

1. CASTA E TRIBO

Enquanto a tribo não se tornou totalmente hóspede ou pária, dispôs, habitualmente, de um território tribal fixo. Uma casta autêntica jamais tem território fixo. Em proporção bem considerável, os membros da casta vivem no interior, segregados em aldeias. Habitualmente, em cada aldeia há, ou havia, apenas uma casta com pleno direito ao solo. Mas artesãos e trabalhadores dependentes também vivem com essa casta, na aldeia. De qualquer modo, a casta não forma uma entidade local, territorial, corporada, pois isso seria contra a sua natureza. Uma tribo está, ou pelo menos estava originalmente, unida pela obrigação de vingar o sangue, exercida direta ou indiretamente através do clã. A casta jamais teve qualquer relação com as vinganças.

Originalmente, uma tribo compreendia muitas, geralmente quase todas, as atividades possíveis necessárias à subsistência. Uma casta pode compreender pessoas que têm profissões muito diferentes; pelo menos é o que ocorre hoje, e, para certas castas superiores, isso tem ocorrido desde os tempos antigos. Não obstante, enquanto a casta não tiver perdido seu caráter, os tipos de ocupações admissíveis sem perda de casta são sempre, de certo modo, rigorosamente limitados. Hoje mesmo, com muita freqüência "casta" e "modo de vida" estão firmemente ligados de tal modo que a mudança de ocupação está relacionada com uma divisão de casta. Isso não ocorre na "tribo".

Normalmente, a tribo compreende pessoas de todas as camadas sociais. A casta bem pode dividir-se em subcastas, com classificações sociais extraordinariamente diferentes. Hoje, esse caso é quase que a regra; uma casta contém freqüentemente várias centenas de subcastas. Nesses casos, as subcastas podem

* A palavra inglesa "caste" é de origem portuguesa. A antiga denominação indiana é *varna*, "côr".

estar relacionadas entre si exatamente, ou quase, como as diferentes castas. Se isso ocorre, as subcastas são, na realidade, castas; o nome comum a tôdas tem uma significação meramente — ou pelo menos quase — histórica e serve de apoio às pretensões sociais das subcastas degradadas em relação a terceiras castas. Daí, pela sua natureza mesma, a casta está inseparavelmente ligada às posições sociais dentro de uma comunidade maior.

É decisivo para uma tribo que tenha sido original e normalmente uma associação política. A tribo forma uma associação independente, como ocorre sempre na origem, ou a associação é parte de uma liga tribal; ou pode constituir uma *phyle*, isto é, parte de uma associação política comissionada com determinadas tarefas políticas e tendo certos direitos: de voto, de participação nos cargos políticos, e o direito de assumir sua parte nas obrigações políticas, fiscais e litúrgicas. Uma casta jamais é uma associação política, mesmo quando as associações políticas, em casos individuais, tenham onerado as castas com liturgias, como ocorreu repetidamente durante a Idade Média indiana (Bengala). Nesse caso, as castas estão na mesma posição das corporações comerciais e artesanais, clãs e tôdas as espécies de associações. Pela sua própria natureza, a casta é sempre uma associação exclusivamente social e, possivelmente, ocupacional, que faz parte de uma comunidade social, dentro da qual se situa. Mas a casta não é necessariamente, e de forma alguma regularmente, uma associação que faz parte de apenas uma associação política. Pode ultrapassar ou ficar aquém dos limites de qualquer associação política. Há castas espalhadas por tôda a Índia.² Hoje, porém, cada uma das subcastas, e também a maior parte das castas pequenas, existem apenas em seus respectivos distritos, que são pequenos. A divisão política influenciou fortemente, com freqüência, na ordem de castas das áreas individuais, mas precisamente as castas mais importantes continuaram a ter âmbito interestadual.

Com relação à substância de suas normas sociais, a tribo habitualmente difere da casta pelo fato de a exogamia do totem ou das aldeias coexistir com a exogamia dos clãs. A endogamia só existiu sob certas condições, mas nem sempre, para a tribo como um todo. As regras da endogamia, porém, formam sempre a base essencial de uma casta. Regras de dieta e de comensalidade são sempre características da casta, mas de forma alguma características da tribo.

Já observamos que, quando uma tribo perde sua base territorial, torna-se hóspede ou pária. Pode, então, aproximar-se da casta até o ponto de tornar-se indistinguível dela, na prática.³ As diferenças que perduram serão discutidas quando determinarmos as características positivas da casta. Primeiro, porém, surge a seguinte questão: em contraste com a “tribo”, a casta em geral se relaciona intimamente, de formas especiais, com os modos de ganhar a vida, de um lado, e com a classificação social, de outro. Ora, como a casta se relaciona com as associações ocupacionais (corporações mercantis e artesanais) e como se relaciona com os “estamentos”? Começemos com o primeiro caso.

2. CASTA E CORPORAÇÃO

As “corporações” de comerciantes, e de mercadores que figuravam como comerciantes ao venderem mercadorias de sua produção, bem como as “corporações artesanais” existiram na Índia durante o período de desenvolvimento das cidades e especialmente no período em que se originaram as grandes religiões salvadoras. Como iremos ver, as religiões de salvação e as corporações estavam relacionadas. As corporações surgiram habitualmente nas cidades, mas ocasionalmente também fora delas, havendo ainda remanescentes destas. No período do florescimento das cidades, a posição das corporações era comparável à ocupada nas cidades do Ocidente medieval. A corporação (a *mahajan*, literalmente o mesmo que *popolo grasso*) enfrentava de um lado o príncipe e de outro os artesãos economicamente dependentes. Essas relações eram aproximadamente as mesmas que havia entre as grandes corporações dos letrados e comerciantes e as corporações artesanais inferiores (*popolo minuto*) do Ocidente. Da mesma forma, associações de corporações artesanais inferiores existiram na Índia (o *panch*). Além disso, a corporação litúrgica de caráter egípcio e romano talvez não estivesse totalmente ausente nos estados patrimoniais que começavam a surgir na Índia. A singularidade da evolução da Índia está no fato de que êsse início da organização de corporações nas cidades não levou à autonomia urbana do tipo ocidental nem, após o desenvolvimento dos grandes estados patrimoniais, a uma organização social e econômica dos territórios correspondente à “economia territorial”⁴ ocidental. O sistema hinduísta de castas, cujo início certamente precedeu a essas organizações, tornou-se destacado. Em parte, êsse sistema de castas

deslocou totalmente as outras organizações, e, em parte, as mutilou, impedindo que alcançassem importância considerável. O "espírito" desse sistema de casta, porém, era totalmente diferente do espírito das corporações mercantis e artesanais.

Essas corporações, no Ocidente, cultivaram interesses religiosos, tal como as castas. Em relação a esses interesses, as questões de classificação social também tiveram considerável papel entre as corporações. Que ordem de posição as corporações deviam ter, por exemplo, durante as procissões, foi uma questão que serviu ocasionalmente de motivo de discussão, com mais insistência do que as questões de interesse econômico. Além disso, numa corporação "fechada", ou seja, com uma quota numéricamente fixa de oportunidades de renda, a posição do mestre era hereditária. Havia também associações quase-corporativas e associações derivadas de corporações, nas quais o direito à participação era adquirido em sucessão hereditária. Em fins da Antiguidade, a participação nas corporações litúrgicas era até mesmo uma obrigação compulsória e hereditária, ao modo de uma *glebae adscriptio*, que prendia o camponês ao solo. Finalmente, havia também os ofícios que representavam "oprobrio" no Ocidente medieval, e que eram religiosamente *déclassés*; correspondiam às castas "imundas" da Índia. A diferença fundamental, porém, entre associações ocupacionais e castas não é afetada absolutamente por essas circunstâncias.

Primeiro, aquilo que é em parte uma exceção e em parte uma consequência ocasional para a associação ocupacional é realmente fundamental para a casta: a distância mágica entre as castas em suas relações mútuas. Em 1901 nas "Províncias Unidas" aproximadamente 10 milhões de pessoas (de um total de aproximadamente 40 milhões) pertenciam a castas com as quais o contato físico é, ritualmente, poluidor. Na "Superintendência de Madrasta", aproximadamente 13 milhões de pessoas (em 52 milhões) podiam contaminar outras, mesmo sem contato direto, se delas se aproximassem a uma determinada distância, embora variável. As corporações mercantis e artesanais da Idade Média não aceitavam barreiras rituais entre as corporações individuais e dos artesãos, à parte a pequena camada de pessoas dedicadas nos misteres degradantes, como dissemos acima. Os párias e os trabalhadores párias (por exemplo, o matador de cavalos e o carrasco), em virtude de suas posições especiais, aproximam-se sociologicamente das castas imundas da Índia. E havia barreiras concretas restringindo o conúbio entre

ocupações avaliadas de forma diferente, mas não havia barreiras rituais, como as que são absolutamente essenciais à casta. Dentro do círculo de pessoas "honradas", as barreiras rituais do comensalismo estavam totalmente ausentes; mas tais barreiras pertencem à base das diferenças de castas.

Além disso, a casta é essencialmente hereditária. E esse caráter não foi, nem é, apenas o resultado da monopolização e restrição das oportunidades de lucro a uma quota máxima definida, como ocorria entre as corporações totalmente fechadas do Ocidente, que em momento algum foram predominantes numericamente. Essa restrição de quotas existiu, e ainda existe em parte, entre as castas ocupacionais da Índia; é mais forte, porém, não nas cidades, mas nas aldeias, onde a restrição de oportunidades, na medida em que existiu, não teve ligação com a organização de "corporações" e não teve necessidade dela. Como iremos ver, os artesãos típicos da aldeia indiana foram os "artesãos domésticos" da aldeia.

As mais importantes, embora nem todas, garantiram ao membro individual uma certa subsistência, como ocorreu entre os mestres-artesãos. Mas nem todas as castas monopolizaram a totalidade de um comércio, como a corporação pelo menos procurou fazer. A corporação do Ocidente, na Idade Média, baseou-se regularmente na livre escolha de um mestre pelo aprendiz, e assim possibilitou a transição dos filhos para ocupações diversas da paterna, circunstância que jamais ocorre no sistema de castas. Essa diferença é fundamental. Enquanto o fechamento das corporações para o exterior se tornava mais rigoroso com a redução das oportunidades de renda, entre as castas observou-se freqüentemente o inverso: elas mantêm seu modo de vida exigido ritualmente, e daí o comércio herdado, com mais facilidade quando as oportunidades de renda são abundantes.

Outra diferença entre corporação e casta é de importância ainda maior. As associações ocupacionais do Ocidente medieval empenharam-se, com freqüência, em lutas violentas entre si, mas ao mesmo tempo evidenciaram uma tendência para a fraternização. A *mercanzia* e o *popolo* na Itália, e os "cidadãos" no Norte, eram regularmente federações de associações ocupacionais. O *capitano del popolo* no Sul e freqüentemente, embora nem sempre, o *Burgermeister* no Norte eram chefes de organizações das associações ocupacionais, pelo menos de acordo com seu significado original e específico. Tais organizações

apoderaram-se do poder político, legal ou ilegalmente. A despeito de suas formas legais, a cidade em fins da Idade Média baseava-se, *de fato*, na associação de seus cidadãos produtivos. Isso ocorreu pelo menos quando a forma política da cidade medieval encerrava suas características sociológicas mais importantes.

Via de regra, a estruturação da cidade em associações se realizava pela fraternização das corporações, tal como a *polis* antiga, em seu mais íntimo ser, se baseava na constituição das associações militares e clãs. Note-se que a base era a "fraternização", ou "associação". Não teve importância secundária o fato de que toda base da cidade ocidental, durante a Antiguidade e a Idade Média, caminharam de mãos dadas com o estabelecimento de uma comunidade de culto dos cidadãos. Além disso, é significativo que a refeição comum dos *prytanes*, os salões de bebida das corporações mercantis e artesanais, e suas procissões comuns à Igreja, desempenhassem um papel tão grande nos documentos oficiais das cidades ocidentais e que os cidadãos medievais tivessem, pelo menos na Ceia do Senhor, o comensalismo mútuo na forma mais festiva. A fraternização supõe, em todas as épocas, o comensalismo; não precisa ser praticada na realidade na vida cotidiana, mas deve ser ritualmente possível. A ordem de castas impedia isso.

A "fraternização" completa⁵ das castas foi, e é, impossível porque um dos princípios constituintes das castas foi que deveria haver barreiras pelo menos ritualmente irremediáveis contra o comensalismo completo entre as diferentes castas.⁶ Se o membro de uma casta inferior olhar, simplesmente, para a refeição de um brâmane, está ritualmente degradando o brâmane. Quando a última grande fome⁷ levou a administração britânica a abrir cozinhas públicas acessíveis a todos, os registros mostraram que pessoas pobres de todas as castas, tinham, movidas pela necessidade, visitado essas cozinhas, embora fôsse rigorosa e ritualmente tabu comer de tal forma, à vista de pessoas que não pertenciam à mesma casta. Àquela época, as castas rigorosas não se contentaram com a possibilidade de se redimirem da degradação mágica pela penitência ritual. Não obstante, sob a ameaça de excomunhão, conseguiram fazer que fôssem empregados cozinheiros de alta casta, cujas mãos eram consideradas como ritualmente limpas por todas as castas interessadas. Além disso, fizeram que se criasse, com frequência, uma espécie de *chambre séparée* simbólica, para cada casta, por meio

de riscos de giz traçados em tórno das mesas, e recursos semelhantes. À parte o fato de que frente à fome até mesmo as mais vigorosas forças mágicas perdem valor, toda religião rigorosamente ritualista, como a indiana, hebraica e romana, é capaz de abrir portas traseiras ritualistas, em situações extremas. Não obstante, dessa situação a um possível comensalismo e fraternização, tal como são conhecidos no Ocidente, há um longo caminho. Na verdade, durante a ascensão dos reinos, vemos que o rei convidava várias castas, inclusive os sudras, para a sua mesa. Sentavam-se, porém, pelo menos de acordo com a concepção clássica, em salas separadas, e o fato de que uma casta que pretendia pertencer aos vaixás se sentou entre os sudras no Vellala Charita provocou um famoso conflito (semilendário), que teremos de examinar mais adiante.

Vejam, agora, o Ocidente. Em sua epístola aos gálatas (II, 12, 13 e ss.) Paulo censura Pedro por ter comido em Antioquia com os gentios e por se ter isolado e separado, posteriormente, sob a influência dos hierosolimitas. "E os outros judeus separam-se tal como êle." O fato de não ter sido a acusação de dissimulação, feita a êsse apóstolo, apagada mostra talvez tão claramente quanto a própria ocorrência a temenda importância que o fato teve para os primeiros cristãos. Na verdade, essa derrubada das barreiras rituais contra o comensalismo não significava uma derrubada do gueto voluntário, que em seus efeitos é muito mais incisivo do que o gueto compulsório. Significava o desaparecimento da situação dos judeus como povo pária, situação ritualmente imposta a êle. Para os cristãos, significava a origem da "liberdade" cristã, que Paulo celebrou triunfalmente, repetidas vezes; essa liberdade significava o universalismo da missão de Paulo, que se sobrepunha a nações e estamentos. A eliminação de todas as barreiras rituais de nascimento para a comunidade dos eucaristas, tal como realizada em Antioquia, foi, em relação às condições religiosas preliminares, a hora da concepção do "cidadão" ocidental. Isso ocorreu, muito embora o seu nascimento só se viesse a consubstanciar mais de mil anos depois, nas *conjuraciones* revolucionárias das cidades medievais, pois sem o comensalismo — em termos cristãos, sem a Ceia do Senhor em comum — nenhuma fraternidade à base de juramento e nenhum corpo de cidadãos medieval urbano teriam sido possíveis.

A ordem de castas da Índia constituiu um obstáculo a isso, que era insuperável, pelo menos às suas próprias forças.

As castas não são governadas apenas por essa divisão ritual eterna.⁸ Mesmo não havendo antagonismos de interesses econômicos, existe habitualmente uma distância profunda entre elas, e com freqüência também um ciúme e hostilidade mortais, precisamente porque as castas são totalmente orientadas no sentido da "posição social". Essa orientação contrasta com as associações ocupacionais do Ocidente. Qualquer que tenha sido o papel das questões de precedência e etiqueta entre essas associações, papel êsse que foi, com freqüência, considerável, tais questões jamais poderiam ter adquirido a significação religiosa que tiveram para os hindus.

As conseqüências dessa diferença foram de considerável importância política. Pela sua solidariedade, a associação das corporações indianas, a *mahajan*, era uma força que os príncipes tinham de levar em consideração. Dizia-se: "O príncipe tem de reconhecer o que as corporações fazem para o povo, quer seja êle misericordioso ou cruel". As corporações adquiriram privilégios dos príncipes, para empréstimos de dinheiro, que são remanescentes de nossas condições medievais. Os *shreshthi* (anciãos) das corporações pertenciam aos nobres mais poderosos e se classificavam em igualdade com a nobreza guerreira e sacerdotal de sua época. Nas áreas e durante os períodos em que essas condições predominaram, o poder das castas não se desenvolveu, e foi em parte obstado e abalado pelas religiões de salvação, que eram hostis aos brâmanes. A tendência posterior em favor do Governo monopolista do sistema de casta não só aumentou o poder dos brâmanes, mas também o dos príncipes, e rompeu com o poder das corporações. As castas excluíam qualquer solidariedade e qualquer fraternização, politicamente poderosa, dos cidadãos e dos ofícios. Se o príncipe observasse as tradições rituais e as pretensões sociais baseadas nelas, que existiram entre as castas mais importantes para êle, podia não só jogá-las umas contra as outras — o que fez — como nada tinha a temer delas, especialmente quando os brâmanes estavam do seu lado. Assim, não é difícil, mesmo a esta altura, imaginar os interesses políticos que influíram durante a transformação em Governo monopolista do sistema de castas. Essa transformação levou a estrutura social da Índia — que durante certo tempo pareceu aproximar-se do umbral do desenvolvimento urbano europeu — a uma evolução que a afastava de qualquer possibilidade semelhante. Nessas diferenças histórico-mundiais o contraste fundamentalmente importante entre "casta" e "cor-

poração", ou qualquer outra "associação ocupacional", é revelado de forma notável.

Se a casta difere fundamentalmente da corporação e de qualquer outro tipo de associação meramente ocupacional, e se a essência do sistema de castas está ligada à classificação social, como, então, ela se relaciona com o "estamento", que encontra sua expressão autêntica na posição social?

3. CASTA E "ESTAMENTO"

O que é um "estamento"? As "classes" são grupos de pessoas que, do ponto de vista de interesses específicos, têm a mesma posição econômica. A propriedade ou não-propriedade de bens materiais ou habilitações definidas constitui a "situação de classe". O estamento é uma qualificação em junção de honras sociais ou falta destas, sendo condicionado principalmente, bem como expresso, através de um estilo de vida específico. A honra social pode resultar diretamente de uma situação de classe, sendo, na maioria das vezes, determinada pela média da situação de classe dos membros do estamento. Isso, porém, não ocorre necessariamente. A situação estamental, por sua vez, influi na situação de classe, pelo fato de que o estilo de vida exigido pelos estamentos leva-os a preferir tipos especiais de propriedade ou emprêsas lucrativas, e rejeitar outras. Um estamento pode ser fechado (estamento por descendência) ou aberto.*

Ora, uma casta é, sem dúvida, um estamento fechado, pois tôdas as obrigações e barreiras que a participação num estamento encerra também existem numa casta, na qual são intensificadas em grau extremo. O Ocidente conheceu "estados" legalmente fechados, no sentido de que o intermatrimônio com não-membros do grupo estava ausente. Mas, em geral, essa barreira ao conúbio só era válida na medida em que os matrimônios contratados a despeito da regra constituíam *mésallian-*

* É incorreto considerar o "estamento ocupacional" como uma alternativa. O "estilo de vida", e não a ocupação, é sempre decisivo. Esse estilo pode exigir uma certa profissão (por exemplo, o serviço militar), mas a natureza do serviço ocupacional resultante das pretensões de um estilo de vida continua sendo decisiva (por exemplo, o serviço militar como cavaleiro e não como mercenário).

ces, com a conseqüência de que os filhos do casamento "inferior" seguiam a posição social do cônjuge menos importante.

A Europa ainda reconhece essas barreiras de estamento para a alta nobreza. A América a admite entre brancos e pretos (inclusive todos os sangues mistos) nos estados sulistas da União. Mas na América tais barreiras significam que o casamento é absoluto e legalmente inadmissível, à parte o fato de que tal intermatrimônio provocaria um boicote social.

Entre as castas hindus, no presente, não só o intermatrimônio entre castas, como até mesmo entre subcastas, é abolido de forma habitualmente absoluta. Já nos "Livros da Lei" os sangues mistos de diferentes castas pertencem a uma casta inferior à de qualquer dos pais, e em caso algum pertencem a uma das três castas superiores ("nascidas duas vezes"). Uma situação diferente, porém, predominava nos dias antigos e ainda existe hoje para as castas mais importantes. Hoje, encontramos habitualmente conúbios totais entre subcastas da mesma casta, bem como entre castas de igual posição social.⁹ Nos tempos antigos, isso sem dúvida aconteceu com mais freqüência. Acima de tudo, o conúbio original não estava excluído de forma absoluta, evidentemente, predominando em lugar dêle a hipergamia.¹⁰ O casamento entre uma môça de casta superior e um homem de casta inferior era considerado como uma ofensa à honra estamental, por parte da família da môça. Mas ter uma mulher de casta inferior não era considerado como ofensa, e seus filhos não eram considerados como degradados, ou, pelo menos, considerados apenas parcialmente degradados. Segundo a lei da herança, que é certamente produto de uma época posterior, os filhos ocupavam o segundo lugar na herança (tal como em Israel a sentença de que "os filhos do servo" — e da mulher estrangeira — "não devem herdar em Israel" fôra a lei de um período posterior, como acontece em todos os outros lugares).

O interêsse dos homens da camada superior na legalidade da poligamia, que tinham condições econômicas de manter, continuou existindo, mesmo depois de terminada a aguda escassez de mulheres entre os guerreiros invasores. Essas escassezes forçaram, em tôda parte, os conquistadores a desposar môças das populações dominadas. O resultado na Índia, porém, foi que as môças de casta inferior tiveram um grande mercado matrimonial, e quanto mais inferior a casta, tanto maior era o seu mercado matrimonial; ao passo que, para as môças das castas

mais elevadas, êle se limitava à sua própria casta. Além disso, em virtude da competição das primeiras, êsse limitado mercado não estava, de modo algum, monopolisticamente assegurado às môças da casta superior. E isso fêz que as mulheres de casta inferior, em virtude da procura geral de mulheres, tivessem altos preços como noivas. E foi em conseqüência da falta de mulheres, em parte, que se originou a poliandria. A formação de cartéis de matrimônio entre as aldeias ou entre associações especiais, Golis, como se encontram freqüentemente, por exemplo, entre os vârias (mercadores) em Gujarat e também entre as castas camponesas, é uma contramedida contra a hipergamia dos ricos e moradores da cidade, que elevava o preço das noivas para as classes médias e para a população rural.¹¹

Entre as castas superiores, porém, a venda de môças a um noivo de classe era difícil e tornava-se ainda mais difícil na medida em que a incapacidade de encontrar casamento era considerada uma desgraça tanto para a môça como para seus pais. O noivo tinha de ser comprado pelos parentes com dotes incrivelmente altos, e seu recrutamento (através de casamenteiros profissionais) tornara-se a preocupação mais importante dos pais. Até mesmo durante a infância da môça, isso constituía motivo de sofrimento para os pais. Finalmente, considerava-se um verdadeiro "pecado" para uma menina alcançar a puberdade sem estar casada. Isso levou a resultados grotescos: por exemplo, as práticas matrimoniais dos brâmanes culinicos, que gozam de certa fama. Êles são procurados como noivos; fizeram um negócio do casamento contratual *in absentia*, a pedido e por dinheiro, com môças que assim escapavam à ignomínia do estado de solteira. As môças, porém, continuavam com as suas famílias e só conheciam o noivo se os negócios ou outras razões o levassem acidentalmente a um lugar onde êle tivesse uma (ou várias) dessas "espôsas". Nesse caso, mostra seu contrato de casamento ao sogro e usa a casa dêste como um "hotel barato". Além disso, sem qualquer despesa, pode desfrutar a môça, que é considerada como sua mulher "legítima".

Em outros lugares, o infanticídio é habitualmente o resultado de oportunidades restritas de sobrevivência entre as populações pobres. Mas, na Índia, o infanticídio feminino era instituído precisamente pelas castas superiores,¹² e existia juntamente com o casamento infantil. Êste determinou, primeiro, o fato de que na Índia algumas meninas nos grupos etários de 5 a 10 anos já fôssem viúvas e, portanto, continuassem viúvas por

tôda a vida. Isso tem relação com o celibato das viúvas, instituição que, na Índia como em outros lugares, existia juntamente com o suicídio das viúvas. Este veio de um hábito cavaleiresco: o entêrro dos pertences pessoais, especialmente as mulheres, com o senhor morto. Segundo, os casamentos de môças imaturas provôcou uma alta taxa de mortalidade de parto.

Tudo isso deixa claro que, no setor do conúbio, a casta intensifica os princípios de estamentos de forma extrema. Hoje, a hipergamia existe como um domínio geral de casta apenas dentro da mesma casta, e ainda assim há uma especialidade da casta Rajput e outras que se aproximam dos Rajputs socialmente, ou de seu antigo território tribal. É o que ocorre, por exemplo, com os Bhat, Khatri, Karwar, Gojar e Jat. Não obstante, a regra é a rigorosa endogamia da casta e da subcasta; no caso da última, essa regra só é desobedecida pelos cartéis matrimoniais em geral.

As normas de comensalismo são semelhantes às do conúbio: um estamento não tem relações com os que lhe são inferiores socialmente. No Sul dos Estados Unidos, todo intercâmbio social entre um branco e um negro resultaria no boicote do primeiro. Como um "estamento", a "casta" intensifica e transpõe êsse fechamento social para a esfera da religião, ou antes, da mágica. Os antigos conceitos de "tabu" e suas aplicações sociais eram, na verdade, muito difundidos nas proximidades geográficas da Índia e bem podem ter contribuído para êsse processo. A tais tabus foram acrescentados ritualismos totêmicos e, finalmente, noções da impureza mágica de certas atividades, tais como existiram em tôda parte com um conteúdo e intensidade que variaram muito.

As regras da dieta hinduísta não são exatamente simples e de forma alguma se relacionam apenas com as questões: 1) o que pode ser comido, 2) quem pode comer junto na mesma mesa. Êsses dois pontos são cobertos pelas regras rigorosas, restritas principalmente aos membros da mesma casta. As regras de dieta relacionam-se, acima de tudo, com mais estas questões: 3) de que mão se pode tomar alimentos de um certo tipo? Para as casas nobres, isso significa, acima de tudo: Quem pode ser usado como cozinheiro? E ainda outra pergunta: 4) Quem deve ser excluído até mesmo da simples vista da comida? Com 3) há uma diferença, que devemos assinalar, entre alimentos e bebidas, dependendo de ter sido a água e o alimento cozido

na água (*kachcha*), ou de ter sido o alimento cozido em manteiga derretida (*pakka*). O primeiro é mais exclusivo. A questão de com quem se pode fumar está intimamente relacionada com as normas de comensalidade no sentido mais estreito. Originalmente, fumava-se num mesmo cachimbo, que era passado de mão em mão; portanto, fumar em conjunto dependia do grau de pureza ritual do companheiro. Tôdas essas regras, porém, pertencem a uma e mesma categoria de um conjunto de normas muito mais amplo, tôdas características de estamentos de uma posição ritual de casta.

A posição social de tôdas as castas depende da questão de quem as castas mais elevadas aceitam *kachcha* e *pakka* e com quem jantam e fumam. Entre as castas hindus os brâmanes estão quase sempre na cúpula, em tais aspectos. Mas as questões seguintes têm importância igual às já formuladas, e estão intimamente ligadas a elas: realiza o brâmane os serviços religiosos dos membros de uma casta? E possivelmente: a qual das várias subcastas, avaliadas de forma diferente, pertence o brâmane? Tal como êle é a última, embora não a única, autoridade capaz de determinar, pelo seu comportamento em questões de comensalismo, a posição de uma casta, assim êle determina também as questões de serviços. O barbeiro de uma casta ritualmente limpa serve, incondicionalmente, apenas certas castas. Êle pode barbear e "manicurar" outros, mas não pode servir-lhes de "pedicuro". E não serve, absolutamente, a determinadas castas. Outros trabalhadores assalariados, especialmente os lavadores de roupa, comportam-se de forma semelhante. Habitualmente, embora com algumas exceções, a comensalidade está relacionada com casta; o conúbio está quase sempre relacionado com a subcasta; ao passo que habitualmente, embora com exceção, os serviços pelos sacerdotes e trabalhadores assalariados estão relacionados com a comensalidade.

A análise acima pode bastar para demonstrar a complexidade extraordinária das relações de posição do sistema de castas. Também pode mostrar os fatores pelos quais a casta difere de uma ordem estamental comum. A ordem de castas é orientada religiosa e ritualmente, em proporções que não foram alcançadas nem mesmo aproximadamente, em outros lugares. Se a expressão "igreja" não fôsse inaplicável ao hinduísmo, talvez pudéssemos falar de uma ordem de posições de Estamentos-Igreja.

4. A ORDEM DE CLASSIFICAÇÃO SOCIAL DAS CASTAS EM GERAL

Quando o Censo da Índia (1901) procurou ordenar pela classificação as castas hindus contemporâneas nas superintendências — duas a três mil, ou mesmo mais, segundo o método de contagem usado — certos grupos de castas foram estabelecidos, sendo indistinguíveis entre si, segundo os critérios seguintes:

Primeiro, vêm os brâmanes, e, em seguida, uma série de castas que, certo ou errado, pretendem pertencer às duas outras castas “duas vezes nascidas”, da teoria clássica: xátria e vaixá. Para demonstrar isso, elas pretendem o direito de usar a “cinta sagrada”. Trata-se de um direito que algumas delas só redescobriram recentemente e que, na opinião das castas brâmanes, que são de posição superior, certamente pertenciam apenas a alguns membros das castas “nascidas duas vezes”. Mas tão logo o direito de uma casta a usar a cinta sagrada é reconhecido, essa casta é aceita, incondicionalmente, como sendo absolutamente “limpa”, ritualmente. Dessa casta, os brâmanes de alta casta aceitam qualquer tipo de alimento. Em todo o sistema, segue-se um terceiro grupo de castas. São incluídas entre os satsudras, os “limpos sudras” da doutrina clássica. Na Índia setentrional e central, há os *Jalacharaniya*, ou seja, castas que podem dar água a um brâmane e de cuja *lota* (pote de água) o brâmane aceita água. Próximos dele encontram-se as castas na Índia setentrional e central cuja água um brâmane nem sempre aceita (isto é, a aceitação ou não-aceitação possivelmente depende da posição do brâmane) ou cuja água jamais aceitaria (*Jalabyabaharya*). O barbeiro de alta casta não as serve incondicionalmente (não presta serviços de pedicuro) e o lavador não lhes lava a roupa. Mas não são considerados como absolutamente “imundos”, ritualmente. São os sudras, no sentido habitual no qual os ensinamentos clássicos se referem a eles. Finalmente, há castas que são consideradas “imundas”. Todos os templos estão fechados para elas, e nenhum brâmane e nenhum barbeiro as serve. Devem viver fora da aldeia distrital e contaminam pelo contato ou, no Sul da Índia, até mesmo pela sua presença à distância (dois metros, entre os *Paraiyans*). Todas essas restrições estão relacionadas com as castas que, de acordo com a doutrina clássica, se originaram de relações sexuais ritualmente proibidas, entre membros de castas diferentes.

Embora esse agrupamento de castas não se observe igualmente por toda a Índia (há, na verdade, exceções notáveis),

não obstante no todo ele pode ser bem mantido. Dentro desses agrupamentos poderíamos fazer novas distinções de posição de casta, mas essas graduações apresentariam características extremamente variadas: entre as castas superiores, o critério seria a correção das práticas de vida relacionadas com a organização do clã, endogamia, casamento infantil, celibato das viúvas, cremação dos mortos, sacrifício ancestral, alimentos e bebidas, e o intercâmbio social com as castas imundas. Entre as castas inferiores, teríamos de distinguir entre a posição dos brâmanes que ainda estão prontos a servi-las ou os que já não o fazem, dependendo de aceitarem água de suas mãos outras castas além dos brâmanes. Em todos esses casos, não é de forma alguma raro que as castas de posição inferior criem exigências mais rigorosas do que as castas que são consideradas como de maior posição. A variedade extraordinária dessas regras de classificação proíbe seu maior exame aqui. A aceitação ou rejeição da carne, pelo menos da carne de vaca, é decisiva para a posição de casta, e constitui portanto um sintoma dela, embora incerto. Os tipos de ocupação e renda, que encerram as consequências de maior alcance para o conúbio, comensalismo e classificação ritual, são decisivos no caso de todas as castas. Falaremos mais adiante desse aspecto.

Além de todos esses critérios encontramos uma massa de traços individuais.¹⁸ Mesmo, porém, que as levássemos todas em conta, não poderíamos estabelecer uma lista de castas segundo a classificação, simplesmente porque esta difere absolutamente de lugar para lugar, e porque somente algumas das castas são universalmente difundidas e porque muitas delas, estando representadas apenas localmente, não têm uma classificação de posição interlocal. Além disso, há grandes diferenças de situação entre as subcastas de uma mesma casta, especialmente entre as superiores, mas também entre algumas das castas intermediárias. Teríamos de colocar, com frequência, as subcastas individuais muito atrás de outra casta que, em outros aspectos, poderia ser considerada como inferior.

Em geral, surgiu (para os trabalhadores do censo) o problema seguinte: que unidade pode ser realmente considerada uma “casta”? Dentro de uma e mesma “casta”, isto é, um grupo considerado como casta na tradição hindu, não há necessariamente o conúbio e nem sempre o comensalismo pleno. O conúbio só ocorre numas poucas castas, e mesmo com elas há reservas. A “subcasta” é uma unidade predominantemente en-

dógama, e em certas castas há várias centenas de subcastas. Estas são castas puramente locais (distribuídas por distritos de tamanhos variados), e (ou) constituem associações delimitadas e especialmente planejadas de acordo com a descendência real ou suposta, o tipo presente ou anterior de ocupação, ou outras diferenças no estilo de vida. Consideram-se como partes da casta e além de seus próprios nomes levam o nome da casta. Podem ser legitimadas, nisso, por uma divisão da casta, ou pela recepção por ela, ou simplesmente por uma usurpação de posição. Somente as subcastas realmente levam uma vida de regulamentação unificada, e somente elas são organizadas — na medida em que a organização de casta existe. A própria casta designa, com frequência, apenas uma reivindicação social formulada por essas associações fechadas; e, em ocasiões raras, a casta se caracteriza por determinadas organizações, comuns a todas as subcastas. Mais frequentemente, ela tem certas características de conduta de vida tradicionalmente comuns a todas as subcastas. Não obstante, em geral a unidade de casta existe lado a lado com a unidade das subcastas. Há sanções contra o matrimônio e o comensalismo fora da casta, que são mais fortes que as impostas aos membros de diferentes subcastas dentro da mesma casta. Também, tal como as novas subcastas se formam facilmente, as barreiras entre elas podem ser mais instáveis, ao passo que, entre as comunidades reconhecidas como castas, essas barreiras são mantidas com extraordinária perseverança...

5. CASTAS E TRADICIONALISMO

K. Marx caracterizou a posição peculiar do artesão na aldeia indiana — sua dependência do pagamento fixo em mercadorias, ao invés da produção para o mercado — como a razão da específica “estabilidade dos povos asiáticos”. Nisto, Marx estava certo.

Além do antigo artesão da aldeia, porém, havia também o comerciante e o artesão urbano; este último trabalhava para o mercado ou dependia economicamente das corporações mercantis, como no Ocidente. A Índia sempre foi predominantemente um país de aldeias. Não obstante, o início das cidades também foi modesto no Ocidente, especialmente no interior, e a posição do mercado urbano na Índia foi regulamentada pelos príncipes de uma forma que, sob muitos aspectos, era “mercan-

tilista” — num sentido semelhante ao dos Estados territoriais no início dos tempos modernos. De qualquer modo, no que se relaciona com a estratificação social, não só a posição do artesão da aldeia, mas também a ordem de castas como um todo, deve ser vista como o veículo da estabilidade. Não se deve imaginar que esse efeito tenha sido demasiado direto. Poderíamos crer, por exemplo, que os antagonismos rituais de casta tinham impossibilitado o desenvolvimento de “empresas de grande escala”, com uma divisão do trabalho na mesma oficina, e poderíamos também julgar que esse aspecto foi decisivo. Mas não foi esse o caso.

A lei da casta mostrara-se tão elástica frente às necessidades da concentração de trabalho nas oficinas quanto frente a uma necessidade de concentração do trabalho e dos serviços na casa nobre. Todos os servos domésticos exigidos pelas castas superiores eram ritualmente limpos, como já vimos. O princípio, “a mão do artesão está sempre limpa em sua ocupação”,¹⁴ é uma concessão semelhante à necessidade de utilizar serviços pessoais, ou mandar fazer trabalhos por trabalhadores assalariados que não pertencem à famulagem doméstica ou por outros itinerantes. Da mesma forma, a oficina¹⁵ (*ergasterium*) era reconhecida como “limpa”. Daí nenhum fator ritual se ter colocado no caminho do uso conjunto de diferentes castas na mesma sala de trabalho, da mesma forma que a proibição do juro, durante a Idade Média, pouco prejudicou o aparecimento do capital industrial que não tomou nem mesmo a forma de investimento a juro fixo. A essência do obstáculo não está nas dificuldades particulares como tal, que cada um dos grandes sistemas religiosos, por sua vez, colocou, ou pareceu colocar, à economia moderna. A essência da obstrução estava antes no “espírito” da totalidade do sistema. Nas épocas modernas nem sempre foi fácil, mas finalmente tornou-se possível, empregar o trabalho de casta indiano nas fábricas modernas. E, antes disso, foi mesmo possível explorar o trabalho dos artesãos indianos de forma capitalista, tal como se fazia habitualmente nas áreas coloniais, depois que o mecanismo acabado do capitalismo moderno pôde ser importado da Europa. Apesar de tudo isso, ainda devemos considerar extremamente improvável que a moderna organização do capitalismo industrial se teria originado à base do sistema de castas. Uma lei ritual na qual toda modificação de ocupação, toda modificação da técnica de trabalho, podia resultar numa degradação ritual, certamente não é

capaz de dar origem às revoluções econômica e técnica por si própria, ou mesmo facilitar a primeira germinação do capitalismo em seu seio.

O tradicionalismo do artesão, grande em si mesmo, foi necessariamente intensificado ao extremo pela ordem de castas. O capital comercial, em sua tentativa de organizar o trabalho industrial à base do sistema de produção, teve de enfrentar uma resistência, essencialmente mais forte na Índia do que no Ocidente. Os próprios comerciantes, em sua solidão ritual, permaneciam nas barracas da classe mercantil oriental típica, que em si jamais criara uma moderna organização capitalista do trabalho. Era como se apenas os diferentes povos hóspedes, como os judeus, ritualmente exclusivos entre si e para com terceiros, pudessem seguir seus ramos na área econômica. Algumas das grandes castas mercantis hinduístas, particularmente, por exemplo, a vânia, foram chamadas de os "judeus da Índia", e, nesse sentido negativo, com razão. Eram, em parte, especialistas em conseguir lucros inescrupulosos.

Hoje, é singularmente evidente um ritmo considerável de acumulação de riqueza entre as castas antes consideradas como socialmente degradadas ou imundas e que, portanto, estavam sujeitas a muito poucas exigências "éticas" (em nosso sentido). Na acumulação da riqueza, essas castas competem com outras que anteriormente monopolizavam as posições de escribas, funcionários ou coletores de impostos arrendados, bem como oportunidades semelhantes de obter rendimentos determinados politicamente, típicos dos Estados patrimoniais. Alguns dos empresários capitalistas também vieram das castas mercantis. Mas na empresa capitalista só podiam acompanhar as castas dos letrados na medida em que adquiriam a "educação", então necessária — como observamos ocasionalmente acima.¹⁶ O treinamento para o comércio é, entre eles, em parte tão intenso — pelo que nos permitem deduzir as informações — que seu "dom" específico para o comércio não deve, absolutamente, basear-se em nenhuma "disposição natural".¹⁷ Mas não temos indicações de que, por si mesmos, eles pudessem ter criado a empresa racional do capitalismo moderno.

Finalmente, o capitalismo moderno sem dúvida jamais se teria originado dos círculos dos ofícios totalmente tradicionalistas da Índia. O artesão hinduísta é, não obstante, notório pela sua industriiosidade extrema; é considerado como essencial-

mente mais industrioso do que o artesão indiano, que é de fé islâmica. E, no todo, a organização de casta hinduísta desenvolveu com freqüência uma grande intensidade de trabalho e de acumulação de propriedade, dentro das antigas castas ocupacionais. A intensidade do trabalho predominou mais entre as castas artesanais do que entre as castas agrícolas antigas. Incidentalmente, os *Kunbis* (por exemplo, os do Sul da Índia) conseguem acumular muita riqueza, e hoje em dia, na verdade, essa acumulação adquire formas modernas.

O capitalismo industrial moderno, em particular, a fábrica, entrou na Índia sob a administração britânica e com incentivos fortes. Mas, relativamente falando, como era pequena a escala e grandes as dificuldades! Depois de várias centenas de anos de domínio inglês há hoje apenas cerca de 980.000 trabalhadores industriais, ou seja, cerca de um terço de 1% da população.¹⁸ Além disso, o recrutamento do trabalho é difícil, mesmo nas indústrias de manufatura com os salários mais elevados. (Em Calcutá, a mão-de-obra freqüentemente tem de ser recrutada no exterior. Numa aldeia próxima, nem mesmo um quinto da população fala a língua nativa de Bengala.) Somente os atos mais recentes para a proteção do trabalho tornaram o emprego nas fábricas mais popular. O trabalho feminino só é encontrado esporadicamente, e recrutado entre as castas mais desprezadas, embora existam indústrias têxteis nas quais as mulheres podem realizar duas vezes mais do que os homens.

O trabalho fabril indiano mostra extamente os traços tradicionalistas que também caracterizaram o trabalho na Europa durante o período inicial do capitalismo. Os trabalhadores desejam ganhar mais dinheiro rapidamente a fim de se estabelecerem independentemente. Um aumento nos salários não significa, para eles, incentivo para trabalhar mais ou para um melhor padrão de vida, mas o inverso. Eles passam a trabalhar menos porque podem prescindir do trabalho, ou suas mulheres se enfeitam mais. Faltar ao trabalho de acordo com a vontade é aceito como fato natural, e o trabalhador retorna à sua aldeia natal com sua magra poupança, tão logo possível.¹⁹ Ele é simplesmente um trabalhador casual. "Disciplina", no sentido europeu, é uma idéia desconhecida para ele. Daí, apesar de um salário quatro vezes mais baixo, a concorrência com a Europa só é mantida com facilidade na indústria têxtil, já que se torna necessário um número 2,5 vezes maior de trabalhadores e uma supervisão mais intensa. Uma vantagem dos empresá-

rios é que a divisão de casta dos trabalhadores tornou impossível, até agora, a organização sindical e as greves. Como observamos, o trabalho na oficina é "limpo" e realizado em conjunto. (São necessárias apenas canecas separadas na fonte de água potável, pelo menos uma para os hindus e outra para os islâmicos, e, nos dormitórios, os homens da mesma casta devem ser colocados juntos.) A fraternização dos trabalhadores, porém, foi (até agora) tão pouco possível quanto uma *coniuratio* dos cidadãos.²⁰

XVII. Os Letrados Chineses

DURANTE DOZE SÉCULOS, a posição social na China foi determinada mais pelas qualificações para a ocupação de cargos do que pela riqueza. Essa qualificação, por sua vez, era determinada pela educação, e especialmente pelos exames. A China fizera da educação literária a medida do prestígio social de modo o mais exclusivo, muito mais do que na Europa durante o período dos humanistas, ou na Alemanha. Mesmo durante o período dos Estados Belicosos, a camada de aspirantes a cargos que tinham educação literária — e originalmente isto significava apenas que tinham conhecimento da escrita — estendia-se por todos os estados individuais. Os letrados foram os portadores do progresso no sentido de uma administração racional e de toda "inteligência".

Tal como ocorreu com o bramanismo na Índia, os letrados chineses foram os expoentes decisivos da unidade da cultura. Os territórios (bem como os enclaves) não-administrados por funcionários de educação literária, segundo o modelo da idéia ortodoxa do Estado, eram considerados heterodoxos e bárbaros, da mesma forma que os territórios tribais, dentro do território do hinduísmo mas não-regulamentados pelos brâmanes, ou como as áreas não-organizadas como *polis* pelos gregos. A estrutura cada vez mais burocrática das organizações políticas dos estados chineses e de seus veículos deu à tradição literária da China a sua marca característica. Durante mais de dois mil anos, os letrados foram, claramente, a camada dominante na China, e ainda o são. Seu domínio foi ininterrupto, e

De "Konfuzianismus und Taoismus", capítulo 5, Der Literatenstand, em *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie*, vol. I, pp. 395-430. Este capítulo foi originalmente incluído na série do *Archiv* "Die Wirtschaftsethik der Weltreligionen" — ver nota ao capítulo II.